



## **Editorial**

**Revista Digital do LAV** – Laboratório de Artes Visuais – vol.12, n.2, mai./ago. 2019.  
ISSN: 1983-7348

Prezadas leitoras e leitores,

É com imensa satisfação que apresentamos o segundo número do volume doze da Revista Digital do LAV deste ano. Esse número traz, o dossiê temático intitulado 'Pesquisa (com) arte (na) docência' e três artigos de demanda contínua.

### **Apresentação - Dossiê temático 'Pesquisa (com) arte (na) docência'**

Luciana Gruppelli Loponte<sup>1</sup>  
Daniel Bruno Momoli<sup>2</sup>

Que relações estabelecemos entre arte e docência? Em geral, percebemos esta relação como algo restrito a apenas alguns especialistas que se dedicam a ensinar algo que se entende por 'arte' a outros poucos interessados. Um docente em matemática, biologia ou língua portuguesa talvez olhasse com desconfiança para esta relação: o que arte teria a ver com a docência em áreas disciplinares tão distintas? Ou: o que a arte teria a ver com educação, além de aulas de arte tão subestimadas nos currículos escolares? Entendemos, como Camnitzer (2018, p. 132), que "a arte é um lugar onde se podem pensar coisas que não são pensáveis em outros lugares". Trazer a dimensão do pensamento para o que podemos fazer a partir da arte, a retira do seu locus habitual de algo feito para e por especialistas ou para alguns poucos "entendedores" restritos. Se expandimos a compreensão sobre isso que podemos chamar de arte, além de molduras, pautas ou espaços restritos, a conectamos com a própria vida, com o cotidiano, com o modo como percebemos o mundo e, reiteramos aqui, a nossa própria docência.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Líder do ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência (UFRGS/CNPq).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e membro do ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência e do FLUME - Educação e Artes Visuais. Vice-Presidente da FAEB (2019-2020).

O Dossiê temático, “Pesquisa (com) arte (na) docência” surgiu de um convite que nos foi feito pela Professora Dra. Marilda de Oliveira da Universidade Federal de Santa Maria e Editora Chefe da Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (LAV). Sentimo-nos instigados em pensar de que maneiras poderíamos alargar os limites das noções de arte e docência a partir da criação de modos de fazer pesquisa em educação.

No âmbito do *Arteversa: Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência*, temos operado inventivamente a partir de uma noção de docência como campo expandido pela arte e pela filosofia<sup>3</sup>. Ao fazer esta aproximação, estamos sugerindo a expansão de modos de conhecer, pensar e escrever na área da arte e da educação. Pretendemos que nossa contribuição vá além de tentar diminuir as distâncias entre disciplinas que podem parecer tão específicas. Ao invés de fazer uma disputa entre fronteiras, nossa opção tem sido a de produzir aberturas por meio de ações tais como: a subversão das afirmações que nos dizem ‘o quê’ e ‘como fazer’; a problematização de ditos e escritos em torno das metodologias de ensino e de aprendizagens; o questionamento da linguagem que conforma e acostuma nosso pensamento; a escrita como uma experimentação, um tipo de força criadora que pode vir a contaminar esteticamente um modo de agir docente. A nossa proposição para este dossiê foi jogar com as noções de arte, docência e pesquisa para ampliar a maneira como temos lidado com o tema da arte na docência e da docência em arte, entendendo à docência e suas possibilidades de formação de modo mais expandido possível. Acreditamos que a pesquisa, enquanto um gesto de criação, é um dos meios que dispomos para dissolver as fronteiras que podem ser estabelecidas entre a arte como campo de saber e à docência como espaço potente de atuação no presente, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos. Trata-se de um convite para pensar as relações que podem ser criadas a partir de dois eixos: as relações entre docência, arte e pesquisa e a pesquisa com arte na educação.

Os textos distribuídos no primeiro eixo, ‘As relações entre docência, arte e pesquisa’, problematizam os lugares que têm sido definidos para as artes, a educação e à docência. Em comum, os textos que aproximamos neste eixo favorecem em alguma medida um alargamento das definições sobre a docência em arte em um momento de deslegitimação destes saberes na atualidade brasileira. As apostas feitas pelos autores que aceitaram o convite aberto pelo dossiê colocam-se em espaços fronteiriços como o cinema, as formas entre ver e não ver, a transdisciplinaridade, o híbrido e a resignificação da

---

<sup>3</sup> A expressão, campo expandido tem sido associado às nossas discussões a partir de uma aproximação com os estudos de Krauss (2008) e Helguera (2011). É uma das noções fortes que mobiliza o atual projeto de pesquisa do grupo - “O campo expandido da arte e da docência: aproximações, tensões, processos e práticas artísticas contemporâneas” (financiado pelo CNPq), uma pesquisa que pretende investigar as aproximações possíveis entre processos e práticas artísticas contemporâneas e o campo da educação e formação docente, expandindo as noções tanto de arte como de docência. Para saber mais consulte o nosso site: <https://www.ufrgs.br/artevera/>

docência a partir das várias formas de visualidade e da produção do olhar na tentativa de encontrar formas outras para o agir docente.

Cayo Honorato da Universidade de Brasília – UnB/DF/Brasil, no texto **Arte, pesquisa e ensino em tempos de deslegitimação do Ensino das Artes** ensaia um outro modo de relação entre arte, ensino e pesquisa a partir de ocorrências surgidas no recente contexto brasileiro que tem deslegitimado as artes e a educação. A partir de um lastro filosófico construído com o pensamento de Jean-François Lyotard e do *Forensic Architecture* (uma agência de pesquisa que dedica-se a pensar noções ampliadas de arquitetura), o autor questiona certas operações feitas com arte na pesquisa em educação e nos provoca a pensar nos entrelaçamentos entre arte, ensino e pesquisa em um possível processo colaborativo e transdisciplinar mediado por um pensamento material.

No interesse de forjar uma prática transdisciplinar, também está o texto **Poéticas do infraordinário: encontros interfronteiriços entre arte, ciência e educação** escrito por Glória Jové e Antonio Almeida da Silva. Entre as correntes marítimas que separam o trabalho de uma professora em uma universidade na cidade de Lleida (Espanha) (Universidade de Lleida – UdL) e um professor na cidade de Feira de Santana, no sertão baiano (Universidade Estadual de Feira de Santana), estão linhas imaginárias que atravessam os continentes e favorecem a criação de exercícios rizomáticos, forjando outras maneiras de olhar o cotidiano através dos processos artísticos e estratégias educativas que desafiam as concepções tradicionais da ciência e da pedagogia. Através de metodologias ativas e da combinação de conceitos e métodos improváveis, eles experimentam através de processos artísticos, novos contextos educativos que buscam em alguma medida a construção de sentidos e de distintas formas de interpretação da escola e do mundo.

A partir das aberturas provocadas nos dois primeiros textos, Thiago dos Santos Antunes da Silva, Maria Thereza Didier de Moraes, e Rui Gomes de Mattos de Mesquita, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/PE/Brasil, nos desafiam com o texto **Cinema-experiência e educação: por uma escrita imagética na docência**, a pensar como o trabalho com cinema pode dar a ver ou manifestar os modos como nos subjetivamos e nos constituímos a partir das possibilidades da escrita e da narrativa de si em educação. O trabalho apresenta um mapeamento de pesquisas sobre cinema e educação, no entanto, não se restringe ao apontamento dos achados teóricos. Antes disso, trata-se de uma deriva que percorre os territórios da imagem, da educação e da experiência como uma tentativa de provocar uma virada na maneira como olhamos para a experiência do mundo em que vivemos.

O texto de Tiago Martins de Moraes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS/RS/Brasil) intitulado **A criação de um olhar ético a partir das imagens da literatura: arte e educação como possibilidades de outras formas de ver** também

se interessa pela constituição da docência, no entanto, a aposta do autor é pensar a literatura enquanto modo de movimentar a escrita e o pensamento no sentido de destacar a criação de um olhar ético que se abre em um tipo de alteridade radical das existências. A prática de um olhar atento e estendido, disposto ao estranho, seria um ponto de passagem importante para a experimentação de modo outro do agir docente a partir de uma possível experiência estética com o texto literário.

O ensaio de um modo de ser docente também foi problematizado por Daniela da Cruz Schneider da Universidade Federal do Tocantins – UFT/TO/Brasil, no texto **Três obras, 4 exercícios: notas para uma docência como gesto artístico**, elaborado a partir das noções de estética da existência e cuidado de si em Michel Foucault. No texto, a autora busca na arte procedimentos que podem vir a ser utilizados como gatilhos no trabalho da elaboração e experimentação de um si docente. Trata-se de um conjunto de operações criadas a partir da fricção entre arte e filosofia para o sujeito ocupar-se consigo mesmo em um processo de formação que se gesta a partir de uma atitude de cuidado de si e que se desdobra pela atenção com os modos como essas relações com o mundo vão se elaborando continuamente.

Ainda na tentativa de ensaiar possíveis modos de docência, está o texto de Daiana Pilar Andrade de Freitas Silva da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/RJ/Brasil, intitulado **Movimentos formativos entre narrativa e imagens: a experiência de uma professora no exercício de ver e não ver**, escrito a partir da produção de conhecimentos no cotidiano e no uso de imagens e tecnologias em uma escola para cegos. No texto, a formação se apresenta diante do encontro com o outro, nas experiências geradas entre a própria autora e seus alunos com algumas imagens, produzindo deslocamentos pelo alargamento da noção de 'olhar' legitimado na cultura escolar como capacidade física de enxergar. Entre o ver e o não-ver há um hiato que é pura potência para a invenção de outros modos de ser e de estar no mundo, uma ampliação que foi para além do olhar enquanto sinônimo de visão para um gesto de abertura ao outro, enquanto sujeito do saber, das práticas e dos conhecimentos.

O alargamento da noção de ver também foi o tema utilizado por Ronne Franklim Dias e Raimundo Martins da Universidade Federal de Goiás – UFG/GO/Brasil e Escuela Nacional de Bellas Artes (IENBA) da Universidad de la República – Uruguay, no texto **Professor-artista: alguns conceitos e perspectivas baseadas em princípios da cultura visual** a partir de uma discussão interessada na imagem do professor enquanto sujeito que produz conhecimento. Os territórios da cultura visual seriam para os autores espaços que favoreceriam um tipo de movimento que desliza por campos híbridos entre cotidiano e fronteiras epistemológicas e que poderia assim gerar um modo outro de 'ser professor' e 'ser artista'. Trata-se de um gesto que poderia ser recombinante, a fim de

provocar um descortinamento na cena política que define nossas formas de ser e modos de viver culturalmente, na tentativa de encontrar um agir contemporâneo na docência a partir do cruzamento das identidades de professor e artista.

No segundo eixo, 'Pesquisa com arte na educação', estão textos que gestam um tecido argumentativo afetado por uma ordem sensível da vida na pesquisa em educação e arte. São textos que procuram romper com uma determinada ordem produtiva gerada pela pesquisa a partir de experimentações com arte e educação. Ficções, agenciamentos, subjetividades, estética, política: são elementos que vão sendo combinados na produção de uma forma investigativa e de um agir pesquisador avesso ao mundo das certezas. Produzir conhecimento seria em alguma medida uma atitude de colocar-se no mundo diante de um agir ético, estético e político.

Leandro Belinaso da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/SC/Brasil, inicia uma conversação a partir da pergunta **Como saber o que nos importa pesquisar e escrever?** e por meio de uma escrita-ensaio faz perguntas, gera desconfortos e inquietudes, provocando-nos a criar *gambiaras* com o próprio pensamento, em um gesto de rabiscar com ideias, palavras e sensações. O texto parte de uma improvisação gerada por uma imagem que desobedece a ordem criada durante a montagem de uma exposição. A partir daí, o autor lança interrogações sobre o que temos feito com a escrita e com o pensamento, na tarefa de produzir conhecimentos por meio de práticas investigativas na pós-graduação a partir de uma (des)ordem produtiva dos saberes geradas pelo encontro com cinema, literatura e fotografia.

Aldo Victorio Filho e Bianca de Menezes Castro da Silva da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ/RJ/Brasil, buscam no texto **Corpo, cotidiano, imagem e criação: pesquisa e escolas**, agenciamentos estéticos que possam vir a afirmar a presença do corpo na vida escolar a partir de uma partilha de experiências que irrompe com a uniformização das aparências, dos gestos e dos movimentos. A problematização da vida escolar é feita a partir de uma possível dimensão poética forjada no cruzamento de um plano individual e coletivo que rompe a rotina administrativa das práticas escolares ao questionar o que um corpo aprende a ser ou não ser a partir de ações criadoras que se espraiam em uma tarefa simultânea que envolve o cuidado de si e a invenção de mundos.

Os desalinhamentos do pensamento, da escrita e da estética também são utilizadas por Alberto Coelho (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Campus Pelotas/RS/Brasil) e Cynthia Farina (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, IFSUL - Campus Pelotas/RS/Brasil) no texto **Cartografando uma pesquisa cartográfica em educação com arte. Formas afônicas e per-forma**, em uma escrita que coloca em suspensão uma década de práticas investigativas feitas pelos próprios autores em um território conceitual que mistura arte,

educação e filosofia em composições metodológicas que buscam provocar aberturas nas relações entre objetividade e subjetividade, ciência e experiência, sensibilidade e saber na pesquisa em educação. Em jogo estão os fazeres do sujeito-pesquisador: produzir dados, olhar com atenção, registrar informações, desenhar percursos em meio aos desafios de ser rigoroso sem ser rígido.

Por fim, o texto de Richard Siegesmund (Northern Illinois University – NIU/Ilinóis/EUA) e Sonia Tramuja Vasconcellos (Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/PR/Brasil) intitulado **Conversas conspiratórias a favor da Pesquisa Educacional Baseada em Arte** lança questionamentos sobre a base política que tem constituído um horizonte de debates sobre a utilização de abordagens artísticas no ensino e na pesquisa desde uma perspectiva que desestruture os limites que demarcam os lugares das palavras e das imagens na produção do conhecimento. Os autores afirmam que a utilização de procedimentos artísticos em uma pesquisa baseada em arte tem qualidades estéticas que extrapolam os limites da imagem e da ilustração, interferindo no processo investigativo, de escrita e na apresentação da pesquisa sendo, por isso, indissociáveis.

Estamos felizes por compartilhar textos que acolheram o nosso convite de pensar arte, docência e pesquisa a partir de pontos de vista nem sempre habituais. Pensamos este dossiê como uma roda de conversa em aberto, uma grande conversação que agora vem a público para provocar novas conexões. A resposta ao nosso convite foi maior que esperávamos e tivemos que fazer algumas escolhas editoriais. A certeza que temos é da acolhida da nossa proposta e de sua reverberação. Os textos que aqui estão ajudam a embaralhar as fronteiras entre arte, docência e pesquisa, redefinindo as possibilidades a ser experimentadas com estas palavras. Palavras como arte e docência, assim como a palavra utopia, nos alerta Camnitzer, “são palavras que pretendem ordenar, estabilizar, ou mesmo congelar processos dinâmicos que quando se fixam, se autodestroem” (CAMNITZER, 2018a, p. 45).

Os textos deste dossiê movimentam os saberes relacionados a arte e a docência, convocando novos fazeres investigativos, lançando um olhar que vai além do limite dos objetos disciplinares e de ordenações já conhecidas. Arte, ficção, escrita, imagem, cinema, ciência, literatura, filosofia: modos de pensar e inventar a pesquisa em docência em/com arte. Desejamos que estes textos transcendam estas páginas, provocando outros modos de olhar para o que já sabemos. Boa leitura.

## Referências

CAMNITZER, L. O ensino de arte como fraude. *In*: CERVETTO, R.; LÓPEZ, M.A. (orgs). **Agite antes de usar**: deslocamentos educativos, sociais e artísticos na América Latina. São Paulo: SESC São Paulo, 2018. p. 125 -137.

CAMNITZER, L. El museo es una escuela. *In*: MUSEO NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFIA. **Hospício de utopias fallidas**. Madrid, Espanha: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2018a. p. 26-45.

### **Apresentação – Artigos da seção de demanda contínua**

Junto ao dossiê temático, apresentamos a seguir, três contribuições que nos chegaram, através do fluxo de demanda contínua, da cidade do Porto - Portugal e dos estados de Mato Grosso e Ceará - Brasil, os quais compõem também essa edição da revista.

No artigo **Reflexões na mediação da coleção do Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande – ensinar através de objetos museais**, Inês Vedes, pesquisadora da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – UP/Porto/Portugal, busca pensar os museus universitários como lugares de produção de conhecimento, problematizando como esses espaços tem fornecido condições pedagógicas e de mediação com as coleções que apresentam. O estudo parte do enfoque no Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UP), trazendo algumas articulações para fomentar as discussões em torno dos museus universitários.

Giordanna Laura Da Silva Santos, Ludmila Brandão e Suzana Guimarães, da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT/MT/Brasil, no artigo **A arte, sua razão excludente e as políticas públicas**, levantam algumas problematizações quanto as hierarquizações e categorias que atravessam a organização de acervos museológicos. As autoras trazem para a discussão a constituição do acervo 'Visual Virtual MT', através do projeto 'Artes visuais em Mato Grosso: acervo, difusão e crítica', expondo alguns impasses enfrentados em meio a essa experiência, colocados pela categoria 'arte'. As autoras pensam, assim, o dispositivo de colonialidade sustentado por tal categoria, que acaba por produzir valor máximo para a produção ocidental (centro-europeia e estadunidense) subalternizando, em diferentes posições, outras produções que escapam a esse conjunto. Problematizam, dessa forma, a 'razão excludente' operada pelas categorizações da arte.

**Sarau do João Cabral: Abordando identidade e diferença através das artes na escola**, trata-se de um artigo de Maria das Dores Bezerra da Escola Sinobilina Peixoto - Prefeitura Municipal de Crato/CE/Brasil e Rita Helena Sousa Ferreira Gomes da Universidade Federal do Ceará – UFC/CE/Brasil. Nele, as autoras abordam, junto da perspectiva dos Estudos Culturais, as experiências pedagógicas vivenciadas por elas na preparação e realização do 'Sarau do João Cabral: Falado, Cantado e Amostrado'. Ao levantar problemáticas que permeiam o campo da identidade e diferença o artigo traz a experiência do referido sarau como uma ação que pode escancarar a dimensão performativa da identidade, sugerindo uma indissociabilidade de identidade e diferença.

Finalizando esse editorial, gostaríamos de manifestar nossa gratidão aos organizadores do dossiê, Profa. Dra. Luciana Gruppelli Loponte e Prof. Dr. Daniel Bruno Momoli, bem como aos autores e autoras que enviaram seus escritos para compor essa edição! Desejamos aos nossos leitores e leitoras um potente encontro com as linhas de escrita que atravessam essa publicação!

Marilda Oliveira de Oliveira  
Vivien Kelling Cardonetti  
Francieli Regina Garlet